

22

# INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

## MINAS — BRASIL



Padre Zanor Pedro Rosa

Pará de Minas, 10 de novembro de 1971.

Caríssimos irmãos,

É com saudoso acento que passo a comunicar-vos o passamento do nosso inolvidável

### PADRE ZANOR PEDRO ROSA

ocorrido aos 27 de fevereiro de 1971.

Já há dois anos a esta que andávamos na expectativa dêste acontecimento. A operação a que se submetera, o regime alimentar que observava, tornara sua saúde bastante precária, tendo o médico naquela ocasião, dado-lhe alguns dias de vida. Passaram-se dois anos e o Pe. Zanor encerrou sua laboriosa e exemplar vida religiosa, depois de dois dias de estada no Hospital de Pará de Minas.

O Pe. Zanor nasceu aos 21 de maio de 1915, na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Foram seus pais Pedro Marques Rosa e Maria Cecy dos Santos, que incutiram no seu coração aquela disciplina e ordem tão característica de sua vida. Frequentemente ele recordava fatos de sua meninice, em que fazia salientar a energia do seu saudoso pai. Cursou o primário no Colégio Salesiano Santa Rosa, de Niterói, indo em seguida para o aspirantado de Lavrinhas, onde fez o ginásio de 1928 a 1931, demonstrando sempre grande entusiasmo pelo estudo e obtendo, através de esforços e da brillante inteligência, classificações honrosas. O noviciado fê-lo em Campinas em 1932 e no fim do qual fez a sua primeira profissão religiosa. Regressou a Lavrinhas para os estudos filosóficos, terminando-os em 1934. E durante esse período de estudos exercia o apostolado de catequista no Oratório Festivo de Cruzeiro. Era um apostolado que custava sacrifícios, porque, por falta de condução, dominicalmente, percorriam-se nove quilometros a pé, do colégio ao oratório. Os anos de 1935 e 1937 passou-os no Colégio Santa Rosa, de Niterói, como assistente. Aí primeiramente pelo altruísmo, dedicando-se totalmente aos seus alunos, sem jamais negar a ajuda fraterna aos colegas de assistência, no que sentia grande prazer, como ele mesmo dizia. Compadecia-se das dificuldades de todos.

Estudou a teologia em São Paulo, no Instituto Pio XI, de 1938 a 1941, recebendo neste mesmo ano, aos 8 de dezembro a ordenação sacerdotal das mãos de Dom José Gaspar de Afonsena e Silva, Arcebispo de São Paulo. Se suas atividades eram atuantes anteriormente, depois de ordenado, seu zélo transbordou nas maneiras as mais diversas.

Foi destinado ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé, RGS, como catequista e professor, mestre de teatro e de canto, capelão e enfermeiro do Colégio. Graças à sua inteligência brilhante, desempenhou admiravelmente a sua missão. Pelo seu conhecimento de matemática e perícia na ministração dessa disciplina, fôra destacado pela CADES, por várias vezes, como, examinador de matemática nos exames de suficiência. Nesse mesmo Ginásio exerceu o cargo de Prefeito, demonstrando seu alto tino administrativo, primando pela contabilidade ordenada e sempre em dia.

Em 1950 foi transferido para o Colégio Dom Bôsco de Araxá, como conselheiro escolar, onde conquistou estima e admiração dos alunos que dêle guardaram gratas recordações. Embora ocupadíssimo com os trabalhos dentro do colégio, contudo fôra o braço direito do saudoso Pe. Emilio Philippini, nos serviços paroquiais. Distinguiu-se como orador brilhante e eloquente. Em 1953 abriu-se-lhe nôvo campo de trabalho no Ginásio Cristo Rei, de Uberlândia, primeiramente como conselheiro escolar e depois como diretor de 1954 a 1956. Aí sua ação se expandiu a fim de firmar o início dessa obra, cujo prosseguimento estava duvidoso. Soube, porém, habilidosamente equilibrar e salvar a situação periclitante.

A Inspetoria tendo aceitado a direção do Ginásio General Macêdo Soares de Acesita, em 1957, o Pe. Zanor foi escolhido para ser o primeiro diretor, a fim de lançar nessa obra as primeiras sementes do espírito de Dom Bôsco, do qual era possuidor, e pôde imprimir no nôvo ginásio um ânimo forte e varonil capaz de lutar e vencer. Nessa cidade deixou traços profundos da bondade do seu coração e de habilidade como professor de tal maneira que o seu nome é recordado com saudade e admiração.

Em 1961 as tradicionais Escolas Dom Bôsco, de Cachoeira do Campo recebem-no como seu diretor. Distinguia-se não só pela dedicação aos salesianos dessa comunidade, como também pela generosidade na ajuda e dádivas às casas de aspirantado como o testemunha o mesmo autor desta carta. Em todos os tempos e lugares, especialmente como diretor, foi exemplaríssimo na observância das Regras e esmerava-se para que os outros também as praticassem. Parecia ser um tanto austero nas suas exigências, mas fazia-o com o coração cheio de amor e de zêlo, sem jamais deixar de compadecer-se das fraquezas do próximo e nunca negando-lhe o oportuno auxílio.

Após os encargos de diretor foi enviado para êste Instituto de Pará de Minas, primeiro como confessor e professor, depois prefeito e, finalmente, professor e secretário. Aqui passou de 1965 a 1971 ano em que o Senhor o chamou no mês de fevereiro. Neste período tive a felicidade de conviver com o Pe. Zanor e perceber suas grandes virtudes. Sua humildade se revelou. Sua submissão à autoridade era notória, pois jamais fazia alguma coisa, não tomava nenhuma decisão sem consultar ao Diretor, embora tivesse mais experiência. Sua deferência e respeito para cônscio era algo que emocionava e nos fazia admirá-lo ainda mais. No ministério escolar era completo, como o demonstrava pelo amor, sacrifício e pontualidade e pelo testemunho do aproveitamento de seus alunos, os quais não cansam de tecer os maiores elogios ao exímio professor.

Jamais o vimos negar-se a qualquer trabalho que lhe fôsse pedido. A laboriosidade era uma das suas características: incapaz, embora já sobrecarregado, de dar qualquer negativa a quem lhe suplicasse a ajuda.

Quando já bastante abalado na saúde, fôra dispensado de lecionar, continuando com todo o trabalho da secretaria escolar. Não obstante, na falta de algum professor, o Pe. Zanor se prontificava a substituí-lo e não se sentindo estar marginalizado, embora por motivo de saúde, insiste para retomar as aulas. Ao pedido de uma turma de jovens para que lhes desse aulas no curso de maturidade não se furtou a êsse sacrifício e êste trabalho extraordinário lhe era cansativo por ser ministrado à noite, após um dia todo ocupado. Foram consoladoras as promoções desses rapazes, dada a eficiência e dedicação do Pe. Zanor.

Era homem de disciplina, primando pela ordem. Seu espírito de assistência salesiana era qualquer coisa de surpreendente. Eram setas que lhe feriam o coração ao ver os meninos a sós nos recreios sem a devida assistência e cuidados salesianos. Só a sua presença, com a sua prerrogativa pessoal, era o suficiente para alcançar ordem e disciplina nos colegiais.

Sinal sensível da sua personalidade salesiana era a piedade: celebrava cotidianamente a santa missa com edificação, seguindo logo após a meditação, em que não faltava; observava pontualmente a hora da leitura espiritual; a récita do terço era-lhe uma das devocações que mais o preocupava e visitando-o no hospital encontrava-o sempre compulsando o terço. Era muito comum encontrá-lo andando no pátio, rodeado de alunos, recitando o terço.

Poder-se-ia afirmar que possuía o dom da palavra, porque as suas homilias comoviam e satisfaziam os fiéis pelo sabor da doutrina, pela fluente exposição e riqueza de exemplificação. Estava sempre pronto às pregações, mesmo quando já se sentia abalado na saúde.

Foi amigo de todos, procurando contentar a quem se lhe aproximasse, apesar de seu caráter aparentemente um tanto austero. Como prefeito atendia solicitamente todas as necessidades dos salesianos e alunos, a fim de que todos ficassem satisfeitos e contentes.

Três coisas sobressaiam no Pe. Zanor: seu entranhado amor ao seu sacerdócio, sua devação filial a Nossa Senhora Auxiliadora e seu acatamento à Congregação e a Dom Bosco. Esmerava-se sobremaneira na preparação das festas de Nossa Senhora Auxiliadora, academias marianas, funções da igreja nos dias de festas, representações teatrais. Dado a sua facilidade escrevia discursos, composições e poesias para que os alunos recitassem nos festivais.

Certa feita pedi-lhe que preparasse algumas palavras sobre D. Bosco para uma música já existente. A tarde entregou-me a poesia, cujas palavras se adaptavam bem à música. Isto só foi executado após a sua morte.

Para as comemorações cívicas incentivava os alunos imprimindo-lhes o cunho patriótico não só com hasteamento da Bandeira ao som do hino nacional, mas também com récita de poesia e alocução alusivas ao ato.

Aqui temos, caríssimos irmãos, em rápidas pinceladas algo da vida ativa e brilhante do Pe. Zanor. E esta vida foi se extinguindo, como se extingue a chama da lâmpada à qual falta o óleo; e como o bruxoleio da chama ilumina até o último instante, assim o bruxoleio da chama da sua vida espalhou até o fim, ao seu derredor, clarões de virtude e bom exemplo.

Sua atividade começou a declinar desde quando se submeteu à dificilíma operação, de quatro horas, em que lhe extraíram o baço e boa parte do fígado. Esteve sempre assistido solicitamente pelo nosso irmão João Cunha que é testemunha da resignação do Pe. Zanor à vontade de Deus e do seu sofrimento silencioso. Após a operação passou ao Colégio Salesiano de Belo Horizonte, onde permaneceu três meses restabelecendo-se, sendo alvo de carinhosos e fraternos cuidados dos irmãos daquela casa. Tendo sido submetido a nova consulta o médico prescreveu-lhe rigoroso regime dietético, ao que se submeteu sob espírito de obediência, conseguindo ainda dois anos de existência. Nesse período deu provas do seu alto espírito de mortificação e penitência e era como que um livro aberto a nos ensinar a resignação à vontade de Deus.

Esses percalços, porém, não conseguiram desviá-lo dos costumeiros afazeres da secretaria escolar, aulas e substituição de professores. Como cronista da casa escreveu encerrando o ano de 1969:

“Último dia do ano. Quantas coisas se passaram nestes 365 dias! Como Deus foi generoso para comigo. TE DEUM LAUDAMUS! Por tudo, Senhor, muito obrigado. Pelas ingratidões e faltas, misericórdia. Confiteor.

E no dia seguinte: “1º de janeiro de 1970. Novo ano. Mais um ano que Deus em sua bondade nos concede. Que o passemos, Senhor, na vossa graça” “Este ano lhe fora repleto de sacrifícios quer no desempenho de suas obrigações, quer no ministério sacerdotal. Lê-se no seu diário: “31 de dezembro de 1970: às 22.00 horas fui a Igaratinga (cidade próxima) para atender o povo e rezar a missa da meia noite. E o ano de 70 chega ao fim. Deo gratias! Motivos de sobrejo de render graças a Deus pelos inúmeros benefícios. Dificuldades houve e muitas, mas com o auxílio de Deus tudo foi superado. Deo gratias! Senhor, muito obrigado!” E no dia, 1º de janeiro de 1971 assim se expressa: “Mais um ano que se inicia. Mais um ano que Deus na sua bondade nos concede. Que eu saiba aproveitá-lo na retidão dos meus atos, vivendo sua presença divina, sendo padre em todo o lugar. Comecei o ano no confessionário em Igaratinga, e só às 0,35 horas é que iniciei a Santa Missa”.

Neste princípio de ano, com tanta irregularidade de pessoal nesta casa, ele, que não podia sair, assumia a maioria das responsabilidades da casa com ânimo alegre e sempre com otimismo.

Dia 23 de janeiro vai ao Rio de Janeiro fazer o casamento de uma sobrinha, aproveitando da oportunidade para rever os parentes. Após três dias já se achava entre nós pois era um dos seus propósitos o de ser muito breve o convívio entre os familiares, dado o amor à casa religiosa. Serviu-lhe esta visita de despedida aos parentes.

Ausentando-se o Pe. Prefeito, pedi-lhe que superintendesse o movimento da fábrica de picolés da casa, o que ele, apesar de cansado, anuiu prontamente. Todos os dias ia à cidade, distante dois quilômetros, a fim de controlar as entregas e praticar todos os atos inerentes.

Nessa época, sua saúde já demonstrava bastante abatimento, mas mesmo assim continuou a tarefa sem esmorecimento. Levantava-se muito cedo, celebrava a Santa Missa às 5,30 e, nas primeiras sextas-feiras, às 4,30 para depois atender às confissões às 5,00 horas. Sua última primeira sexta-feira foi a 5 de fevereiro o que assim escreveu no seu diário: "Primeira sexta-feira do mês. Levanto às 3,30 e antes das 5,00 começo atender confissões. Rezo missa para a comunidade. Providencio entrega de picolés, despacho reembolsos, e dou andamento a outros papéis." Zelava também pela administração em geral. Dia 10 escreveu: "Bastante movimentado o dia. Deitei-me logo após o jantar, bastante prostrado." E no dia seguinte, última nota do seu diário: "Passei uma noite agitada sem conseguir dormir. Levantei-me às 4,30 e rezei com grande esforço a Missa às 5,00. Recolhi-me no quarto, onde passei o dia." Daí para frente foi sempre recaindo. O médico dr. Silvino que o atendia carinhosamente julgou melhor interná-lo no Hospital. Dia 23 recebe alta, volta à casa retomando os trabalhos da secretaria escolar, embora ainda bastante fraco. Dois dias após surpreendeu-nos com um princípio de trombose, causando-lhe uma hemiplegia. Constatada a gravidade do caso pelo médico, foi levado ao Hospital, onde passou os últimos dias de sua vida. Assistiam-no com desvelo o Coadjutor José Santana e as Irmãs do Hospital, e o Pe. José Frois, que se achava à sua cabeceira administrhou-lhe a União dos Enfermos.

Ao cair da tarde do dia 27 de fevereiro, às 18 horas, quando os sinos da igreja Matriz badalavam a hora das Ave-Marias, o Pe. Zanor Pedro Rosa deixava esta vida temporal para entrar na eterna e lá receber o prêmio do bem que semeou a-mão-cheia durante a sua vida.

Seu corpo composto com desvelo pelas irmãs foi transportado para o Instituto e colocado em uma das salas transformada em câmara ardente. A notícia do seu passamento divulgou-se, célebre, pela cidade. Uma grande multidão abeirava-se do seu ataúde, pezarosos todos, por terem perdido um amigo, um sacerdote zeloso e virtuoso. No dia 28, às 15 horas celebrou-se a missa de corpo presente oficiada pelo Pe. Inspetor, concelebrando 19 sacerdotes. Os estudantes de teologia do Colégio Salesiano de Belo Horizonte, cantaram durante a Missa. Às 16,30 saiu o cortejo fúnebre, com um acompanhamento de mais de cem carros, o que nunca se viu na cidade de Pará de Minas. O povo postado nas ruas e janelas guardava profundo silêncio e respeito em solene homenagem póstuma ao Pe. Zanor que passava em demanda do seu repouso eterno.

A beira da sepultura abriu-se o caixão para que se contemplasse pela última vez o rosto do saudoso sacerdote e se retirou, então, o rosário que tinha entrelaçado em suas mãos, o qual foi dado, como lembrança a um dos seus amigos. Nessa hora de comoção ninguém se sentia pronunciar as últimas palavras de despedida mas as preces que se fizeram ouvir foram o saudoso adeus e as flores mais perfumosas lançadas sobre o seu corpo ao baixar à sepultura.

Caríssimos irmãos, mais um carvalho é ceifado na pujante floresta da Congregação Salesiana, constituindo larga clareira, por onde atravessarão os raios solares para fazer germinar as sementes de virtude e santidade deixadas pelo saudoso Pe. Zanor.

"In reliquo reposita est mihi corona justitiae". Acreditamos firmemente que o Pe. Zanor já tenha sido coroado por tudo quanto fez neste mundo, pois, como o Apóstolo São Paulo, podia dizer: "bonum certamen certavi". Que alcance élé lá no céu, podermos também nós conquistar a vitória que lhe deu tanta glória na bemaventurança eterna.

Antes, porém, de findar estar linhas é meu dever testemunhar, de público, os agradecimentos sinceros, ao Dr. Silvino Moreira que acompanhou com tanta abnegação toda a doença do Pe. Zanor, bem como às bondosas Irmãs que sempre estiveram caridosamente à sua cabeceira no Hospital e à diretoria do mesmo hospital que fornecia tudo gratuitamente ao nosso saudoso extinto. Agradecimentos também às autoridades municipais que cederam o local da sepultura e a todos os amigos e conhecidos que nos acompanharam neste momento amargo com sua amizade, sua prece, sua palavra de confôrto. A todos o nosso DEUS LHES PAGUE.

Pe. Zanor amou Dom Bosco, honrou a Congregação, glorificou a Igreja. Sua passagem foi como a de um sol que só faz o bem distribuindo o calor, luz e vida. Não obstante, na passagem mais santa pelo caminho da vida, impossível não se apegar em nós um pouco de poeira. Rezemos pela sua bondosa alma e que o suor derramado nas canseiras do ministério sacerdotal e educacional seja a semente fecunda de muitas vocações de grandes salesianos como élé.

Rezai por esta casa tão duramente provada e necessitada para sustentar e educar uma centena de meninos desamparados e por quem se professa vosso humilde irmão em Jesus Cristo.

Pe. Newton Ambrósio  
Diretor